

ABRINDO A JANELA

Sára Oliveira Honorato¹

¹ Licencianda do sexto período de Geografia, pela Universidade Federal do Espírito Santo. saryta.94@hotmail.com.
✉ Avenida Roma, nº 45, Parque Residencial Tubarão, Serra, ES. 29171-708.



Trem... Mas não é qualquer trem como dizem nossos amigos mineiros ao dizer que vão “comer um trem”, “segurar um trem”, ou coisas do tipo. Estou falando do trem original, o trem de ferro como geralmente falamos. Ah, o trem... nem parece que estou falando de um mero meio de transporte. Tem algo de simbólico no nome. Começo a pensar em quantas pessoas já viajaram de trem, quantas gostaram, quantas detestaram, mas o fato é que quem ainda não provou quer pelo menos experimentar.

Já ouvi histórias de trem, uma em específico venho ouvindo há bastante tempo. Quero compartilhar! Uma mulher viajou de trem com seu marido, Vitória a Colatina, viagem rápida... Nesse trem, assim como todas as outras pessoas, ela e seu marido resolveram andar pelos vagões até que chegaram à lanchonete. Lá comeram um hambúrguer, coisa comum. Pronto? Pronto! Prontos para desembarcar, próxima parada, Colatina. De lá pegaram um ônibus e seguiram para se destino, Pancas. Matar a saudade da família, passear, comer comida feita no fogão à lenha e depois de alguns dias voltar para Vitória e voltar à vida cotidiana. Depois de alguns anos essa mulher engravidou e o único desejo que foi o de comer novamente aquele hambúrguer do trem. Ficou apenas no desejo, e que sorte a minha, não nasci com cara de hambúrguer! Hoje, fico pensando se o desejo de minha mãe na gravidez era simplesmente comer aquele hambúrguer do trem, ou se esse lanche foi simplesmente um símbolo que trouxe à tona todos os desejos daquele momento. Foi através do trem (onde comeu o lanche), que chegou ao destino onde tanto amava estar, ao lugar onde estaria perto da família que lhe daria segurança naquele momento de medo e felicidade, e comendo aquela comidinha fresquinha que estaria sempre à mão. Isso tudo pode ser uma grande viagem da minha cabeça? Claro que pode, mas eu ousou pensar, imaginar, sei lá...

Tem coisas que realmente marcam. Toda vez que eu entro em um trem, me lembro de uma vez, quando eu era bem pequenininha, que vi uma mulher na beira da estrada de ferro vendendo a maior rosca de polvilho que já vi em toda minha vida. Adoro o gostinho do polvilho! Entretanto, não faço a menor ideia se comi ou não aquela rosca. Mas a lembrança, ela ficou.

A vida é feita de lembranças, de memórias. Todos temos coisas e momentos guardados na mente e até mesmo no coração. Com a gente, os nômades geógrafos, não é diferente, e em uma aula de campo, essas lembranças e marcas também ficam. As vezes são marcas físicas, quem nunca voltou com um arranhãozinho aqui ou ali? Mas as vezes são apenas memórias. Resplendor! O cheiro que me marcou foi o do suor. O tato da Lorena se ficou na Lívia (que criança linda!). O gosto que Jéssica jamais vai esquecer é o da cachaça. Independente disso, algo marcou e é interessante ver como a nossa Geografia pode estudar até mesmo isso. De olhos vendados ou não, subindo ladeiras ou andando em espaços planos, de barco, de trem ou à pé, a mobilidade acontece. Se não a física, a do pensamento.

Imaginando uma imagem de uma árvore que tenta de todo modo invadir a janela de uma casa, sabemos que se os proprietários dessa casa manterem a janela fechada, a árvore não vai entrar, mas também não vai entrar luz, vento, etc. Assim acontece conosco. A própria aula de campo, que explorava nossas sensações, foi um desafio, pois rompeu com a ideia de aula de campo criada até então. Foi tão difícil, pois estamos acostumados a criar limites de até onde uma aula ou um relatório pode chegar para continuar sendo Geografia. Se permanecemos com a mente fechada (assim como a janela), vamos continuar sempre na mesmice que nos é imposta, mas se abrirmos a janela, perceberemos que novas possibilidades existem, onde não ficamos apenas na teoria, mas onde podemos expressar nossas memórias, sentimentos, imaginações...

Vamos abrir a janela? ☺